


OS ARQUÉTIPOS DE CERES E HÉSTIA NA MONOPARENTALIDADE FEMININA

THE ARCHETYPES OF CERES AND HESTIA IN FEMALE SOLE PARENTHOOD

LOS ARQUETIPOS DE CERES Y HESTIA EN LA MONOPARENTALIDAD FEMENINA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-102>

Data de submissão: 11/10/2025

Data de publicação: 11/11/2025

Vlaís Monteiro Pereira

Doutoranda em Administração

Instituição: Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Tribunal de Contas do Estado do Amazonas (TCE/AM)

E-mail: vlais.pereira@tce.am.gov.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3392-7625>

Danielle Costa de Souza Simas

Mestre em Direito Ambiental

Instituição: Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

E-mail: dani_souza1403@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6104-3563>

Aldo Ramos da Silva Junior

Especialista em Gestão Pública Aplicada a Segurança Pública

Instituição: Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Polícia Militar do Amazonas

E-mail: ramoscav04@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7570-553X>

Mateus de Abreu Peclat dos Santos

Especialista em Gestão Aplicada a Segurança Pública

Instituição: Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Polícia Militar

E-mail: mateus.abreupeclat@gmail.com

Emmanuel José Hayden de Farias

Especialista em Gestão Aplicada a Segurança Pública

Instituição: Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Polícia Militar

E-mail: haydenfarias@hotmail.com

RESUMO

Este artigo analisa simbolicamente a monoparentalidade feminina a partir dos arquétipos mitológicos de Ceres e Héstia, de modo a compreender as dimensões emocionais, simbólicas e sociais da experiência de mulheres que assumem sozinhas a criação dos filhos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e teórico-interpretativa, fundamentada na psicologia analítica, na mitologia comparada e nos estudos de gênero e vulnerabilidade social. Ceres, deusa da fertilidade e da nutrição, representa a força materna voltada ao cuidado, à proteção e ao amor resiliente diante da perda; Héstia, guardiã do fogo interior, simboliza a introspecção, a autonomia e a estabilidade emocional. A convivência desses arquétipos revela a complexidade psíquica e simbólica da mulher monoparental, que transita entre o

cuidado voltado ao outro e o cuidado voltado a si. No contexto brasileiro, especialmente na região amazônica, a monoparentalidade feminina se manifesta de forma acentuada, marcada por desigualdades estruturais de gênero, raça e classe, que ampliam a sobrecarga emocional e material dessas mulheres. A análise aponta que a leitura arquetípica contribui para ampliar a compreensão da experiência feminina para além dos indicadores socioeconômicos, reconhecendo sua profundidade subjetiva e espiritual. O estudo sugere ainda que políticas públicas e práticas clínicas devem considerar tais dimensões simbólicas como fundamentais para promover o reconhecimento, o cuidado e a justiça social às mulheres em situação de monoparentalidade.

Palavras-chave: Monoparentalidade Feminina. Ceres. Héstia. Cuidado. Políticas Públicas.

ABSTRACT

This article symbolically analyzes female single parenthood through the mythological archetypes of Ceres and Hestia, in order to understand the emotional, symbolic, and social dimensions of women who take on the responsibility of raising their children alone. The research adopts a qualitative and theoretical-interpretive approach, grounded in analytical psychology, comparative mythology, and studies on gender and social vulnerability. Ceres, goddess of fertility and nourishment, represents the maternal force devoted to care, protection, and resilient love in the face of loss; Hestia, guardian of the inner fire, symbolizes introspection, autonomy, and emotional stability. The coexistence of these archetypes reveals the psychic and symbolic complexity of single mothers, who navigate between caring for others and caring for themselves. In the Brazilian context, especially in the Amazon region, female single parenthood is particularly prominent, marked by structural inequalities of gender, race, and class that intensify women's emotional and material overload. The analysis shows that an archetypal reading broadens the understanding of female experience beyond socioeconomic indicators, recognizing its subjective and spiritual depth. The study further suggests that public policies and clinical practices should incorporate such symbolic dimensions as essential to promoting recognition, care, and social justice for women living in single-parent contexts.

Keywords: Female Single Parenthood. Ceres. Hestia. Care. Public Policies.

RESUMEN

Este artículo analiza simbólicamente la monoparentalidad femenina a través de los arquetipos mitológicos de Ceres y Hestia, con el objetivo de comprender las dimensiones emocionales, simbólicas y sociales de las mujeres que asumen solas la crianza de sus hijos. La investigación adopta un enfoque cualitativo y teórico-interpretativo, basado en la psicología analítica, la mitología comparada y los estudios de género y vulnerabilidad social. Ceres, diosa de la fertilidad y la nutrición, representa la fuerza materna orientada al cuidado, la protección y el amor resiliente frente a la pérdida; Hestia, guardiana del fuego interior, simboliza la introspección, la autonomía y la estabilidad emocional. La convivencia de estos arquetipos revela la complejidad psíquica y simbólica de la mujer monoparental, que transita entre el cuidado dirigido al otro y el cuidado dirigido a sí misma. En el contexto brasileño, especialmente en la región amazónica, la monoparentalidad femenina se manifiesta de manera acentuada, marcada por desigualdades estructurales de género, raza y clase que aumentan la sobrecarga emocional y material de estas mujeres. El análisis demuestra que la lectura arquetípica amplía la comprensión de la experiencia femenina más allá de los indicadores socioeconómicos, reconociendo su profundidad subjetiva y espiritual. El estudio sugiere además que las políticas públicas y las prácticas clínicas deben incorporar tales dimensiones simbólicas como fundamentales para promover el reconocimiento, el cuidado y la justicia social hacia las mujeres en situación de monoparentalidad.

Palabras clave: Monoparentalidad Femenina. Ceres. Hestia. Cuidado. Políticas Públicas.

1 INTRODUÇÃO

A monoparentalidade feminina é uma realidade crescente, especialmente em contextos marcados por desigualdades socioeconômicas como o Brasil. Segundo dados da PNAD, cerca de 11,6 milhões de famílias brasileiras são chefiadas por mulheres sem cônjuge, evidenciando a relevância da monoparentalidade feminina como fenômeno social (IBGE, 2022). Conforme indica a CEPAL (2019), o Índice de Feminização da Pobreza mostra que mulheres chefes de família têm maior probabilidade de viver abaixo da linha da pobreza, especialmente em regiões periféricas e no Norte do país. A feminização da pobreza no Brasil é um fenômeno estrutural que reflete como desigualdades de gênero, raça e classe se entrelaçam para colocar mulheres, especialmente mães solo, negras e periféricas, em situação de maior vulnerabilidade (Santos, 2025).

No estado do Amazonas, conforme o Censo Demográfico (IBGE, 2022), a população total é de 3.941.613 pessoas, das quais 1.975.803 são mulheres, representando 50,1% da população estadual. Além disso, o número de domicílios chefiados por mulheres alcançou 50% dos 1.307.406 lares registrados no estado, evidenciando a mudança na dinâmica familiar regional. Deste percentual, 15,8% são domicílios sem cônjuge e com filhos. São mulheres que assumem sozinhas a criação dos filhos; enfrentam desafios que transcendem a esfera socioeconômica, envolvendo aspectos emocionais, simbólicos e identitários.

Estas mulheres enfrentam jornadas laborais intensas, inserção predominante em ocupações precárias, remunerações inferiores à média nacional e o acúmulo de funções domésticas; frequentemente sem suporte de redes familiares ou institucionais. Essa sobrecarga revela um duplo sentido, conforme aponta Santos (2008) ainda que essas mulheres sejam amplamente reconhecidas como independentes por sustentarem integralmente seus lares, permanecem inseridas em contextos de dependência econômica e institucional que restringem o exercício pleno de sua autonomia social.

A configuração monoparental feminina, embora destacada no cenário social brasileiro, permanece frequentemente marginalizada pelas políticas públicas, que tendem a privilegiar modelos familiares tradicionais e homogêneos. Tal invisibilidade institucional exige abordagens analíticas que transcendam os indicadores socioeconômicos e incorporem as dimensões simbólicas, afetivas e subjetivas que perpassam a experiência dessas mulheres. A proposta interpretativa adotada neste artigo, fundamentada na leitura mitológica dos arquétipos de Ceres e Héstia, visa ampliar essa compreensão por meio de uma perspectiva interdisciplinar que articula elementos da psicologia analítica, da cultura simbólica e dos direitos sociais, reconhecendo a complexidade e a profundidade da maternidade vivida em contextos de vulnerabilidade.

2 CERES: A MÃE FERIDA E PROTETORA

Ceres, deusa romana da agricultura, é marcada pelo mito do rapto de sua filha Perséfone. Ao perder a filha, Ceres mergulha em profunda dor, interrompendo o ciclo da fertilidade até que Perséfone seja devolvida, o que simboliza a suspensão da vida diante da ruptura do vínculo materno (Brandão, 2011). Este mito revela não apenas o poder arquetípico da maternidade, mas também a devastação emocional provocada pela separação, sendo interpretado por Erich Neumann (1994) como uma expressão do arquétipo da Grande Mãe em sua dimensão ferida. O autor destaca que:

A mulher, como mãe, representa o mistério da criação e da transformação. Ela é a terra que gera, nutre e acolhe, mas também é o fogo que purifica e transforma. Esses elementos simbólicos revelam a profundidade da psique feminina e sua conexão com os ciclos naturais da vida (Neumann, 1994, p. 45).

Joseph Campbell (1990) também destaca esse episódio como central nos Mistérios de Elêusis, nos quais o sofrimento de Ceres representa a transformação espiritual que emerge da dor e da ausência. O autor observa que: “o mito não é apenas uma história antiga, mas uma linguagem simbólica que expressa verdades universais. Ele fala diretamente à alma, revelando padrões arquetípicos que moldam nossas experiências e decisões” (Campbell, 1990, p. 112).

Na vivência da monoparentalidade, o arquétipo de Ceres manifesta-se na mulher que assume a maternidade como missão central. Ela é protetora, devotada e sobrecarregada. A ausência de um parceiro intensifica sua responsabilidade e reforça sua centralidade no universo dos filhos. A dor da perda ecoa na figura de Ceres, que transforma sofrimento em cuidado. A mitologia oferece mapas simbólicos que revelam aspectos profundos da psique feminina. Ceres, deusa da terra e da fertilidade, representa o princípio materno, nutridor e cíclico. Essa dimensão simbólica é essencial para compreender a vivência da monoparentalidade feminina como expressão arquetípica de cuidado e resiliência.

Estudos como os de Cynthia Sarti (2012) e Vláís Monteiro Pereira (2023) apontam que mães solo em contextos de vulnerabilidade enfrentam múltiplas jornadas: trabalho precário, cuidado integral dos filhos, ausência de rede de apoio e sobrecarga emocional. Na realidade amazonense, por exemplo, cerca de 65% das famílias monoparentais femininas vivem com renda per capita inferior a um salário mínimo, concentradas em bairros periféricos da zona leste de Manaus. A fusão emocional com os filhos, frequentemente observada em contextos de monoparentalidade, pode ser compreendida como uma tentativa inconsciente de compensar ausências afetivas e sociais. A mulher-Ceres, portanto, encarna tanto a força de superação quanto o risco da autoanulação. Este arquétipo pode gerar resiliência, mas também sobrecarga emocional, especialmente quando a mulher não tem rede de apoio.

3 HÉSTIA: A GUARDIÃ DO FOGO INTERIOR

Héstia, deusa do lar e da interioridade, representa a mulher centrada, autônoma e espiritualizada. Na mitologia grega, é descrita como uma divindade serena e discreta, que escolhe a virgindade não por repressão, mas como expressão de liberdade e autonomia espiritual (Brandão, 2011). Seu poder reside na capacidade de manter o fogo aceso, símbolo da estabilidade, da introspecção e da perenidade da vida doméstica. Como observa Sylvia Silva Baptista Mello (2017):

Héstia é a deusa da lareira. Isso significa que ela está no centro de cada casa da Grécia Antiga. Aliás, o que faz de uma casa um lar é justamente a presença de Héstia. A lareira sempre está no centro, portanto é associada ao que os gregos denominavam omphalós – umbigo do mundo... Como umbigo do mundo, seu significado está também ligado à vida (Mello, 2017, s.p.).

Na vivência da monoparentalidade, Héstia manifesta-se como força silenciosa: a mulher que constrói um lar com dignidade, mesmo sem a presença de um parceiro, e que encontra sentido na rotina, na interioridade e na autossuficiência emocional. Trata-se de uma figura que não se define pela ausência, mas pela presença de si mesma, revelando que o espaço doméstico pode ser também um território de resistência e espiritualidade cotidiana (Deuses Gregos, 2023).

A espiritualidade doméstica, representada por Héstia, pode ser vista como uma estratégia de enfrentamento diante da solidão e da instabilidade. Pereira (2023) destaca que, em Manaus, muitas mulheres chefes de família desenvolvem rotinas estruturadas como forma de preservar o equilíbrio emocional frente à precariedade material e à ausência de suporte institucional. O arquétipo de Héstia, nesse contexto, revela a potência da interioridade como fonte de estabilidade. A organização do lar, os rituais cotidianos e a introspecção tornam-se práticas de resistência silenciosa. No entanto, o excesso de autossuficiência pode gerar isolamento e dificultar a construção de vínculos afetivos fora do núcleo familiar.

4 A CONVIVÊNCIA DOS ARQUÉTIPOS NA MONOPARENTALIDADE

Na prática, muitas mulheres monoparentais vivem a tensão e a complementaridade entre Ceres e Héstia. Longe de serem figuras mitológicas distantes, essas imagens arquetípicas operam como matrizes psíquicas que estruturam modos de ser, sentir e cuidar. A mulher que cria seus filhos sozinha encarna simultaneamente o princípio da nutrição e da exterioridade (Ceres) e o da interioridade e preservação (Héstia), revelando uma dinâmica complexa entre ação e recolhimento, entre o cuidado voltado ao outro e o cuidado voltado a si.

Ceres, como deusa da terra e da fertilidade, representa o impulso materno voltado à sustentação da vida, à entrega e à dor da separação. Sua mitologia, marcada pela busca incessante pela filha raptada, simboliza o sofrimento da mulher diante da ausência, da perda e da responsabilidade solitária. Já Héstia, guardiã do fogo sagrado e da lareira, evoca a dimensão da introspecção, da estabilidade e da espiritualidade doméstica.

A tabela a seguir demonstra que a mulher monoparental muitas vezes encarna ambos os arquétipos.

Tabela 1: Comparativo entre os arquétipos de Ceres e Héstia

Aspecto	Ceres (Deméter)	Héstia
Foco principal	Filhos e vínculo afetivo	Lar e estabilidade interior
Emoções predominantes	Dor, proteção, dedicação	Serenidade, introspecção, autonomia
Risco psicológico	Superproteção, dependência emocional	Isolamento, rigidez emocional
Potencial transformador	Amor resiliente, força diante da perda	Paz interior, estrutura emocional

Fonte: Elaborado pelos autores.

A mulher monoparental, portanto, não apenas desempenha múltiplas funções sociais, mas também manifesta uma convivência simbólica entre forças arquetípicas que sustentam sua subjetividade. Ao mesmo tempo em que se projeta para fora, garantindo o sustento e a proteção dos filhos, ela preserva o núcleo afetivo e espiritual do lar, tornando-se centro e fronteira, terra e fogo, presença e silêncio. Essa convivência não é harmônica, mas dialética, marcada por sobrecarga, ambivalência e potência. Reconhecer essa complexidade é essencial para que políticas públicas, práticas clínicas e abordagens educativas possam acolher a experiência feminina em sua totalidade simbólica e existencial.

5 METODOLOGIA

Este artigo adota uma abordagem qualitativa de caráter teórico-interpretativo, fundamentada na análise simbólica de arquétipos mitológicos e sua relação com experiências sociais contemporâneas. A escolha metodológica se justifica pela natureza subjetiva e simbólica do objeto de estudo, a vivência da monoparentalidade feminina, que demanda uma leitura interdisciplinar capaz de articular elementos da psicologia analítica, conforme os pressupostos de Carl Gustav Jung (2014), da mitologia comparada, como proposto por Campbell (1990), e dos estudos sociais voltados à parentalidade e gênero, como discutido por Batista e Finamori (2022) e Rebecca Holanda Arrais, Isabel Cristina Gomes e Elisa Maria Parahyba Campos (2019).

Além disso, a abordagem qualitativa é sustentada por autores como Maria Cecília de Souza Minayo (2014) e Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln (2006), que defendem a centralidade da

interpretação e da subjetividade na construção do conhecimento científico em ciências humanas. Tal perspectiva permite compreender a experiência feminina não apenas como fenômeno sociológico, mas também como expressão arquetípica e cultural, revelando camadas profundas de sentido que atravessam o imaginário coletivo e as práticas cotidianas.

A análise foi construída a partir de fontes secundárias, incluindo obras clássicas da psicologia junguiana (Jung, 2014; Neumann, 1994), estudos sobre mitologia (Campbell, 1990; Hillman, 2000, Brandão, 2011), e pesquisas sociológicas sobre maternidade e vulnerabilidade (Sarti, 2012; Pereira, 2023; Santos, 2025). A dissertação de Pereira (2023), que investiga o perfil socioeconômico de mulheres monoparentais na região amazônica, foi utilizada como referência empírica para contextualizar os arquétipos de Ceres e Héstia em realidades concretas.

6 CONCLUSÃO

Os mitos de Ceres e Héstia constituem representações arquetípicas que funcionam como mapas simbólicos da psique feminina, oferecendo chaves interpretativas para experiências concretas vividas por mulheres em contextos de monoparentalidade. Ao analisar essa condição sob a perspectiva desses arquétipos, é possível compreender que a mulher que assume sozinha a responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos transcende a imagem de resistência social, revelando-se como uma figura de profunda densidade simbólica. Nela coexistem forças elementares, a terra, associada à fertilidade e à nutrição (Ceres), e o fogo, vinculado à interioridade e à preservação do espaço doméstico (Héstia), que expressam simultaneamente dor, introspecção, maternidade e autonomia. Tal leitura permite reconhecer a dimensão subjetiva e espiritual da experiência feminina, frequentemente invisibilizada pelas abordagens exclusivamente racionais das políticas públicas.

Apesar da existência de iniciativas governamentais voltadas à promoção da equidade de gênero, os avanços permanecem lentos e insuficientes diante da complexidade estrutural que atravessa a vida das mulheres, especialmente aquelas em situação de monoparentalidade. Essa lacuna evidencia a ausência de uma política pública de cuidado que reconheça o trabalho reprodutivo como dimensão central da cidadania feminina. Segundo Ilze Zirbel (2017), as teorias políticas tradicionais negligenciam o cuidado como categoria estruturante da justiça social, relegando-o ao espaço privado e na manutenção das desigualdades de gênero. Já Joan Claire Tronto (2013) defende que uma democracia verdadeiramente inclusiva deve reconhecer o cuidado como responsabilidade coletiva, incorporando-o às estruturas institucionais e às práticas políticas. Como afirma a autora: “um cuidado democrático gera um melhor cuidado, e um melhor cuidado gera uma melhor democracia” (Tronto, 2013, p.56).

A recente proposta da Política Nacional de Cuidados, articulada por diversos ministérios e órgãos federais (Brasil, 2023), busca enfrentar essa lacuna ao reconhecer que o cuidado é uma responsabilidade coletiva e que sua distribuição desigual compromete a autonomia das mulheres, sobretudo as negras e periféricas, que acumulam jornadas exaustivas e são as mais afetadas pela ausência de suporte institucional. Nesse contexto, a monoparentalidade feminina torna-se um campo privilegiado para observar os efeitos da negligência estatal em relação ao cuidado. A ausência de políticas integradas que articulem trabalho, educação infantil e proteção social perpetua a feminização da pobreza e reforça a sobrecarga emocional e física das mulheres que sustentam seus lares sozinhas. Reconhecer o cuidado como direito e como trabalho é, portanto, condição para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A intersecção entre mitologia e realidade social revela que os arquétipos não se limitam a construções simbólicas abstratas, mas constituem dispositivos hermenêuticos potentes para a compreensão de vivências concretas, especialmente no que tange à experiência feminina. Ao reconhecer os mitos como expressões culturais que condensam dimensões psíquicas, históricas e espirituais, torna-se possível interpretar a condição de mulheres em contextos de vulnerabilidade, como a monoparentalidade, não apenas sob o prisma da carência material, mas também como manifestações arquetípicas de força, resiliência e complexidade subjetiva.

Nesse sentido, a formulação de políticas públicas deve transcender abordagens universalistas e incorporar perspectivas que reconheçam as especificidades dessas mulheres, oferecendo suporte emocional, econômico e comunitário que dialogue com suas realidades plurais. Paralelamente, práticas clínicas e educacionais precisam integrar metodologias simbólicas que legitimem a subjetividade e a espiritualidade como dimensões constitutivas da existência feminina, valorizando narrativas que emergem do inconsciente coletivo e que se expressam por meio de imagens, mitos e afetos. Tal abordagem contribui para a construção de um campo político e terapêutico mais sensível às singularidades do feminino, promovendo reconhecimento, cuidado e justiça simbólica.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Rebecca Holanda; GOMES, Isabel Cristina; CAMPOS, Elisa Maria Parahyba. A monoparentalidade por opção e seus aspectos psicossociais: estudo de revisão integrativa. *Revista da SPAGESP*, v. 20, n. 1, p. 36–44, 2019. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100004. Acesso em 14 set. 2025.
- BATISTA, Maria Alice Magalhaes; FINAMORI, Sabrina. Categorias empíricas e analíticas: mães-solo e monoparentalidade feminina. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, v. 27, n. 3, p. 1–20, 2022. Disponível em <https://www.academia.edu/98326017>. Acesso em 14 set. 2025.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Greco-Romana*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRASIL. Ministério das Mulheres. *Política Nacional de Cuidados*. Brasília, 2023. Disponível em <https://www.gov.br/mulheres>. Acesso em 14 set. 2025.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE. Índice de feminidade da pobreza. 2019. Observatório de Igualdade de Gênero. Disponível: <https://oig.cepal.org/pt/indicadores/indice-feminidade-da-pobreza>. Acesso em 6 set. 2025.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DEUSES GREGOS. Deusa Héstia: o único mito. Disponível em <https://deusesgregos.com.br/deusa-hestia>. Acesso em 10 set. 2025.
- HILLMAN, James. *O código do ser: uma busca pelo caráter e vocação pessoal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2022*. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/censo-demografico-2022>. Acesso em 14 set. 2025.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MELLO, Sylvia Silva Baptista. Héstia e nossas casas. *Jung na Prática*, 27 set. 2017. Disponível em <https://jungnapratica.com.br/deusa-hestia>. Acesso em 14 set. 2025.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: um estudo sobre o arquétipo feminino*. São Paulo: Cultrix, 1994.

PEREIRA, Vláís Monteiro. Monoparentalidade feminina: perfil socioeconômico das mulheres amazonenses. 2023. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus. Disponível em [<https://ri.uea.edu.br/items/4197af27-86d4-4dcb-a978-9db480f52fdd/full>]. Acesso em 6 set. 2025.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA. PNAD/IBGE, 2022. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6820>. Acesso em 10 set. 2025.

SANTOS, Arantxa Carla da Silva. Feminização da pobreza no Brasil: papel do bolsa família. *Perspectivas Sociais*, v. 11, n. 01, p. e1128242, 15 abr. 2025. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/percsoc/article/view/28242>. Acesso em 6 set. 2025.

SANTOS, Yumi Garcia dos. Mulheres Chefes de Família entre Autonomia e Dependência: um Estudo Comparativo entre Brasil, França e Japão. Tese (Doutorado em Sociologia) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18122008-104702/publico/TESE_YUMI_GARCIA_SANTOS.pdf. Acesso em 29 jun. 2025

SARTI, Cynthia. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2012.

TRONTO, Joan Claire. *Caring democracy: markets, equality, and justice*. New York: New York University Press, 2013.

ZIRBEL, Ilze. Teorias políticas, justiça, exploração e cuidado. *Revista Guairacá de Filosofia*, v. 33, n. 1, p. 1–18, 2017. Disponível em <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/5061>. Acesso em 14 set. 2025.